

## IV

### *OS MISSIONARIOS*

D. Manoel I recebeu notícias do descobrimento das terras novas, sem grande surpresa. Seu espirito achava-se voltado para os tesouros inesgotaveis das Indias, que faziam da Lisboa daquele tempo uma das mais poderosas cidades maritimas da Europa.

Contudo, o sucesso do almirante provocou um largo movimento de curiosidade no círculo dos navegadores portugueses. Quase todas as expedições que se dirigiam aos régulos da Ásia tocavam nos portos vastos de Vera Cruz, cujo norte já centralizava as atenções dos comerciantes francêses, que aí se abasteciam de vastas provisões de pau-brasil.

Geralmente, as caravelas lusitanas que demandavam Calicut traziam consigo grande numero de exilados e de aventureiros. Muitos deles foram abandonados no extenso litoral do país inexplorado e desconhecido, ao influxo das

inspirações do mundo invisível; essas criaturas vinham como batedores humildes, à frente dos trabalhadores que, mais tarde, chegariam às terras novas.

A situação oficial perdurava com a indiferença do monarca, distraído pelas suas conquistas no Ocidente; mas, entre as autoridades administrativas do Reino, comentava-se a questão da nova colonia, abandonada aos exploradores franceses e espanhóis. Compelido pela opinião de seu tempo, D. Manoel providencia a primeira expedição oficial, afim de que se colocasse nas suas praias extensas o sinal das armas portuguesas. Prepara-se a grande expedição de Gonçalo Coelho, que, além de alguns cosmógrafos notaveis, levava consigo Americo Vespucio, famoso na historia americana pelas suas cartas acerca do Novo Mundo, nas quais, infelizmente, reside grande percentagem de literatura e de pretensiosa imaginação. Chegando ao litoral baiano, Gonçalo Coelho organiza a Feitoria de Santa Cruz, primeiro nucleo da civilização ocidental nas plagas brasileiras. O nome do país é agora Terra de Santa Cruz, pelo qual é conhecido nos documentos da metropole.

Depois de graves incidentes, nos quais Vespucio abandona-se a aventuras pelo interior da colonia, na sua sede de posição e de glória, o expedicionario português, pobre de possibilidades e com raros companheiros, lança os marcos de

Portugal ao longo de toda a costa brasileira. Uma das emoções mais gratas para o seu espirito é o quadro maravilhoso da Baía de Guanabara. Julgando-se no estuário de um rio esplendido, denomina Rio de Janeiro o local, em virtude de se encontrar ali nos primeiros dias do primeiro mês do ano. No sitio encantado, instala uma nova Feitoria — a da Carioca, da qual não ficaram largos vestigios, permanecendo aí meses a fio, retemperando as suas energias em contacto com a paisagem magnifica. Prossegue na sua tarefa de reconhecimento, voltando depois á metropole sem conseguir interessar o monarca no que se referia á exploração da terra nova. Limitou-se o rei português a permitir o estabelecimento de feiras de páu-brasil, na colónia longinqua, o que facultou aos elementos estrangeiros o mais largo desenvolvimento de comercio com os indigenas da região litoranea.

De Portugal, somente aportavam no Brasil de vez em quando, alguns aventureiros e degredados, obedecendo a um apêlo inexplicável e desconhecido.

Foi, aproximadamente, por essa epoca, que Ismael reuniu uma grande assembléia dos seus colaboradores mais devotados, no objetivo de instituir um programa para as suas atividades espirituais na Terra de Santa Cruz:

— “Irmãos — exclamou ele no seio da multidão de companheiros abnegados — plan-

támos aqui, sob o olhar misericordioso de Jesus, a sua bandeira de paz e de perdão... Todo um campo de trabalhos se desdobra ás nossas vistas. Precisamos de colaboradores devotados que não temam a luta e o sacrifício. Voltemo-nos para os centros culturais de Coimbra e de Lisboa, regenerando as fontes do pensamento, no elevado sentido de ampliarmos a nossa ação espiritual... Alguns de vós permanecereis em Portugal, mantendo de pé os elementos protetores dos nossos trabalhos, e a maioria terá de envergar o sambenito humilde dos missionários penitentes, levando o amor de Deus aos sertões invios e desprotegidos de todo o conforto. Temos de buscar no seio da igreja as roupagens exteriores de nossa ação regeneradora. Infelizmente, a dolorosa situação do mundo europeu, em virtude do fanatismo religioso, tão cedo não será modificada... Somente as grandes dores realizarão a fraternidade no seio da instituição que deveria representar o pensamento do Senhor na face da Terra, desviada dos seus grandes princípios pela mais terrível de todas as fatalidades históricas, dentro das quais foi a igreja obrigada a participar do organismo mundial e perecível dos Estados... Um sôpro de reformas se anuncia, impetuoso, no âmago das organizações religiosas da Europa e, em breves dias, Roma conhecerá momentos muito amargos, não obstante os sonhos de arte e de gran-

deza de Leão X que detem, neste instante, uma corôa injustificavel, porquanto o reino de Jesus ainda não é desse mundo; mas, temos de aproveitar as possibilidades que o seu campo nos oferece para encetar essa obra de edificação da patria do Cordeiro de Deus...

Pregareis, em Portugal, a verdade e o desprendimento das riquezas terrestres e trabalhaires, sob a minha direção, nas florestas imensas de Santa Cruz, arrebanhando as almas para o Unico Pastor... O caracteristico de vossa ação, como missionarios do Pai Celestial, será o vosso testemunho legitimo de renúncia a todos os bens materiais e a vossa consoladora pobreza..."

Quase todos os Espiritos santificados, ali presentes, se oferecem como voluntarios da grande causa. Entre muitos, descobriremos aí José de Anchieta e Bartolomeu dos Mártires. Manuel da Nobrega, Diogo Rodrigues, Leonardo Nunes e muitos outros, foram tambem dos chamados para esse conclave do mundo invisivel.

Em 1531, quando Portugal resolveu, sob a direção de D. João III, a primeira tentativa de colonização da Terra de Santa Cruz, alguns jovens missionarios, convocados por essa angusta assembléia, chegavam ao Brasil com Martim Afonso de Souza e a sua companhia de trezentos homens, participando ativamente da cate-

quése dos indios, na fundação de S. Vicente e de Piratininga.

Nobrega aportava, mais tarde, em Porto Seguro com Tomé de Souza, o primeiro governador geral da colonia, em 1534, chefiando um grande numero desses irmãos dos simples e dos infelizes, estabelecendo novos elementos de progresso e dando inicio á cidade do Salvador.

Anchieta vinha depois, em 1553, com Duarte da Costa, transformando-se no desvelado apostolo do Brasil. Designado para desenvolver, particularmente, os nucleos de civilização já existentes em Piratininga, ali permaneceu no seu respeitavel collegio, que todos os governos paulistas conservaram com veneração carinhosa, como uma tradição de sua cultura e de sua bondade. Alguns historiadores falam com severidade acerca da energia vigorosa do apostolo que, muitas vezes, foi obrigado a assumir atitudes extremas no seio das tribus, que lhe mereciam as dedicações e os carinhos de um pai. Anchieta aliou, no mundo, á suprema ternura, essa energia realizadora; mas, aqueles que na historia oficial lhe descobrem esses gestos, não lhe notam a suavidade do coração e a profundezas dos sacrificios, nem sabem que, depois, foi ainda ele a maior expressão de humildade no antigo convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro, onde, com o hábito singelo de um frade, adocicou ainda mais as suas concepções

de autoridade. A edificadora humildade de um Fabiano de Cristo, aliada a um sentimento de renúncia total de si mesmo, constituia a ultima pedra que faltava na sua corôa de apostolo da imortalidade.

D. João III teve a infelicidade de introduzir em Portugal o organismo sinistro da Inquisição. Com o tribunal da penitencia, vieram os Jesuitas.

Não constitue objeto do nosso trabalho o exame dos erros profundos da condenavel instituição que fez da Igreja, por muitos seculos, um centro de perversidade e de sombras compactas em todas as nações européias, que a abrigaram á sombra da máquina do Estado, mas, sim, a exaltação daqueles missionarios de Deus, que afrontavam a noite das selvas, para aclarar as conciencias com a lição suave do Martir do Calvario. Esses homens abnegados eram, de fato, "o sol da nova terra".

Os falsos sacerdotes poderiam continuar massacrando, em nome do Senhor, que é a misericordia suprema; poderiam prosseguir ostentando as purpuras luxuosas e todas as de mais suntuosidades do reino mentiroso desse mundo, incensando os poderosos da Terra e distanciados dos pobres e dos aflitos; mas, os doces missionarios da cruz ouviam a voz de Ismael, no amago de suas almas; aos seus sagrados apêlos, abandonaram todos os bens, seguin-

do nos rastros luminosos d'Aquele que foi e será sempre a luz do mundo. Foram eles os primeiros traços de luz das falanges imortais do Infinito, corporificadas na terra do Evangelho, e, com a sua divina pobreza, foram os iniciadores da grande missão apostólica do Brasil no seio do mundo moderno, inaugurando aqui um caminho resplandecente para todas as almas, transformando a terra do Cruzeiro numa dourada e eterna Porciúncula.